

SILVA,
Thais Canfild da

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRAJETÓRIAS DE MULHERES PRECURSORAS NO CAMPO DAS ARTES NO BRASIL: (SÉCULO XIX E PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX)

Thais Canfiled da Silva¹

RESUMO

A partir de um recorte temporal, apresentamos a seguir algumas reflexões acerca do trabalho de dez artistas que, de alguma forma, foram pioneiras em seus trabalhos. Muitas delas foram premiadas e reconhecidas pela crítica de arte em seus meios de atuação, mas por diversos motivos não são amplamente reconhecidas pela historiografia da arte brasileira. Entre brasileiras e estrangeiras que tiveram o desenvolvimento pleno de suas carreiras no Brasil, buscamos traçar paralelos e destacar os principais aspectos de suas trajetórias e trabalhos.

Ao entrar em contato com a arte brasileira durante minha graduação, percebi que era ínfimo o número de artistas mulheres que figuravam nos livros de História da Arte do Brasil que tratam da produção realizada no século XIX e primeiras décadas do século XX. São exceção as artistas modernistas Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, bem como nomes que despontaram em movimentos de arte abstrata, arte conceitual e arte contemporânea. Mesmo aquelas citadas em livros como História Geral da Arte no Brasil, de Walter Zanini, ou em importantes dicionários especializados, como o Dicionário das Artes Plásticas no Brasil, de Roberto Pontual, têm poucas informações além do nome, data de nascimento e de morte, bem como seus locais de atuação. Raras são as exceções, mas graças aos movimentos de revisão historiográfica das últimas décadas elas vêm sendo revisitadas e redescobertas, principalmente no âmbito acadêmico.

Dentre tais casos, escolhemos elencar nesse ensaio uma artista que recebeu grande prestígio e as maiores premiações em vida, mas que após sua morte foi, por muitas décadas, “esquecida” pela historiografia da arte. Abigail de Andrade foi possivelmente a artista do sexo feminino a receber maior reconhecimento durante o século XIX, mas seu envolvimento amoroso com o também pintor Angelo Agostini, na

¹ Bacharela em História da Arte pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016) e Mestre em História e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021), com dissertação intitulada “A Trajetória de Georgina de Albuquerque no Ensino das Artes Plásticas no Rio de Janeiro”. Atualmente é estudante de graduação em Psicologia pela UFCSPA (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre). Contato: thais.canfiled@gmail.com

época era casado, fez com que o julgamento social os obrigasse a se transferirem para Paris. Abigail continuou a produzir obras de grande qualidade e faleceu prematuramente, aos 26 anos de idade. O “escândalo” se sobrepôs aos trabalhos da artista, que deixou de figurar entre os nomes dos grandes artistas daquele período, embora seu trabalho tenha permanecido valorizado pelos colecionadores de arte. Os primeiros estudos de maior fôlego sobre a trajetória de Abigail de Andrade datam da década de 1990.

A dissertação de mestrado de Míriam Andréa de Oliveira sobre Abigail, defendida em 1993 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi o primeiro grande trabalho a tratar da vida e da obra da artista. Outros se seguiram, sendo notável a pesquisa de inestimável valor realizada por Ana Paula Cavalcanti Simioni, em sua tese de doutorado (publicada em livro intitulado *Profissão Artista: pintoras e escultoras Acadêmicas Brasileiras*, de 2008), que pesquisou a trajetória de Abigail e de outras importantes artistas atuantes entre os anos de 1840 e 1922. Simioni analisou a fundo a trajetória de outras quatro artistas: as pintoras Berthe Worms e Georgina de Albuquerque, e as escultoras Julieta de França e Nicolina Vaz de Assis. Além dessa importante publicação, Simioni segue pesquisando o trabalho de artistas atuantes no mesmo período, dando continuidade ao seu estudo através de artigos científicos e outras publicações.

Berthe Worms e Maria Pardos são exemplos de duas artistas estrangeiras que prosperaram no campo das artes no Brasil. Enquanto Berthe Worms fez sua formação artística em seu país de origem, Maria Pardos estudou pintura no Brasil, mais precisamente no ateliê particular de Rodolpho Amoedo. As duas artistas receberam premiações por algumas de suas pinturas que mais se destacam nos salões de arte, estando presentes em importantes coleções de arte brasileiras. Enquanto a Pinacoteca do Estado de São Paulo possui nove pinturas a óleo e um desenho de Berthe Worms, o Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora tem a maior coleção de trabalhos de Maria Pardos preservados no país: ao total são 201 desenhos e 47 pinturas da artista espanhola.

O museu homenageia Maria Pardos com uma sala que leva seu nome. Embora esse seja um caso raro e bastante específico, explica-se o fato pelo histórico do museu: foi concebido por Alfredo Lage, companheiro da pintora por aproximadamente 37 anos, até o seu falecimento. A obra de Maria Pardos foi objeto de estudo da pesquisadora Valéria Mendes Fasolato, em sua dissertação defendida em 2014, que analisou algumas de suas obras que integram o acervo do museu em Juiz de Fora. A pesquisa realizada por Fasolato é exemplar ao unir o cotejamento de imagens com uma série de documentos primários reunidos pela pesquisadora, tanto em jornais e revistas de época quanto em arquivos públicos e privados.

Embora também tenha traçado uma trajetória brilhante no campo artístico, a artista Regina da Veiga não teve a mesma sorte que a amiga Maria Pardos, no que diz respeito à preservação de seu patrimônio artístico. Boa parte das obras apresentadas por Regina Veiga na exposição da Galeria Jorge de 1916 (mostra que realizou em conjunto com Maria Pardos) atualmente estão desaparecidas, ao passo que aquelas apresentadas pela artista espanhola encontram-se em parte no museu de Juiz de Fora. A obra *Danae* (atualmente conhecida como *Fertilidade*) é um dos trabalhos mais conhecidos de Regina e foi incorporado ao acervo da Pinacoteca de

São Paulo. Na coleção da instituição também está um autorretrato da artista (s.d.), adquirido em 1959. Sabe-se de poucas obras da artista em coleções particulares, o que dificulta o estudo de sua produção².

Atuante no mesmo período em que Regina Veiga, a também carioca Sylvia Meyer é ainda menos conhecida – poucos dados biográficos puderam ser levantados e um número expressivo de obras produzidas pela artista não estão localizadas atualmente. Junto com a colega Regina Veiga, participou de uma exposição que pode ser considerada um marco para as mulheres artistas das primeiras décadas do século XX: em 1931, organizava-se o *1º Salão Feminino de Arte*, que ocorreu com a ampla participação de pintoras, escultoras e gravadoras da época. O evento pretendia promover maior visibilidade ao trabalho das artistas mulheres nas artes plásticas e seu sucesso foi considerável – embora tenha ocorrido com mais ou menos regularidade, o salão permanece sendo organizado pela Sociedade Brasileira de Belas Artes até os dias de hoje.

Ao verificar notícias sobre essa mostra em jornais de época, durante pesquisas feitas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, para compor o escopo de pesquisa para minha dissertação, me deparei com a inexistência de maiores informações sobre esse salão. Existiam pequenas notícias em dicionários especializados. Há uma breve nota sobre a criação do salão no livro *Cronologia das Artes Plásticas no Rio de Janeiro (1886-1994)*, de Frederico Morais, e alguns comentários em *Uma breve história dos Salões de Arte*, de Angela Ancora da Luz, e *O renascer da Phoenix*, de Therezinha Hihhal. Por contar com a participação de tantas artistas que tenho interesse em estudar, recorri às fontes primárias para escrever um pequeno artigo a respeito desse salão, publicado nos anais do *Encontro de História da Arte da UNICAMP*, em 2018.

Outra artista participante do Salão Feminino de 1931 foi Celita Vaccani, escultora que se destacou tanto com suas obras, como em seu trabalho como professora e diretora da Escola Nacional de Belas Artes. Sua longa trajetória artística foi marcada por prêmios – conquistou prêmio de viagem à Europa e, ao final da vida, tornou-se a primeira mulher a tomar posse na Academia Brasileira de Artes, em 1985, ocupando a cadeira que tem como patrono Mestre Valentim. A memória de Celita permanece viva dentro da Escola de Belas Artes e algumas de suas obras permanecem preservadas no acervo do Museu D. João VI. Recentemente, em 2018, foi objeto de estudo de um trabalho de conclusão do curso de Conservação e Restauração da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A segunda escultora escolhida para este recorte de artistas é a paulista Zélia Salgado, nascida em 1904. Embora tenha iniciado sua carreira em 1922, a pintora e escultora teve um longo período de produção, de quase 70 anos, se estendendo até a década de 1990 – fato que a distingue das demais artistas escolhidas para este recorte, vinculadas temporalmente ao século XIX e primeira metade do século XX. O motivo inicial para a escolha de Zélia não foi, entretanto, sua produção artística. Ao entrar em contato com um site de preservação da memória da artista, chamou a

2 Ao entrar em contato com a neta da artista, tive notícias de que algumas obras de Regina Veiga estão em posse de familiares, algumas carecendo de restauro e em estado de deterioração devido a ação do tempo.

atenção algumas fotos das duas primeiras décadas do século XX que a mostram em meio aos colegas e professores. As fotografias são raros registros de alunas do sexo feminino em aulas de turmas mistas nas décadas de 1910 e 1920 e tornam-se importantes registros da trajetória inicial da artista. Também chamou a atenção a consistência de sua produção, que se modificou ao longo do tempo e permaneceu em sintonia com novos movimentos artísticos que ocorriam na arte brasileira.

Buscamos representar, de alguma forma, a produção de uma artista que estivesse fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Assim, o nome de Judith Fortes despontou como uma das primeiras artistas mulheres atuantes no campo artístico gaúcho no início do século XX. Judith Fortes não é uma artista conhecida a nível nacional, mas teve grande importância para o cenário artístico local. Sua presença como uma das primeiras alunas do Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul e, posteriormente, como professora na mesma instituição permanece lembrada graças a dois quadros presentes na Pinacoteca Barão de Santo Ingo, importante instituição pertencente ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A produção de Judith Fortes é de difícil localização, assim como a de muitas outras artistas atuantes no mesmo período, o que mais uma vez dificulta a pesquisa e divulgação de sua obra e trajetória. Mas são trabalhos como *Excluídas da memória: mulheres no Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul (1939-1962)*, realizado por Rosane Vargas, em 2013, que realizam o importante esforço de localizar e pesquisar Judith Fortes e outras artistas atuantes no cenário artístico gaúcho.

Dinorah Azevedo de Simas Enéas teve uma trajetória singular ao utilizar seu domínio do desenho e da pintura para fins espirituais. Após sua formação pela Escola Nacional de Belas Artes, passa a frequentar o centro espírita *Soledad do Maracanã*, em 1922, e desenvolve habilidade de psicopictografia – fenômeno que caracteriza recebimento de imagens pela espiritualidade através de um médium. Dinorah não abandonou sua carreira como pintora, mas conciliou a atividade de artista com o trabalho mediúnico. Embora também seja parte do grande grupo de artistas que não tem a maior parte de sua produção conhecida pelo público, por não estarem em coleções públicas de arte, Dinorah ganhou grande reconhecimento e prestígio dos praticantes do espiritismo, sendo lembrada como uma pessoa bondosa e que praticava a caridade com todos. Alguns de seus desenhos permanecem preservados no acervo do Museu D. João VI (da Escola de Belas Artes/UFRJ) e demonstram um grande domínio nos exercícios de modelo vivo.

Por fim, a última artista selecionada para esse recorte é a paulista Nicota Bayeux, pintora que participou ativamente do cenário artístico de São Paulo na virada do século XIX. Teve sua formação no Brasil e na França, como era corriqueiro para os artistas da época, estudando na prestigiada *Académie Julian de Paris*. A instituição francesa foi particularmente importante por dar espaço para as mulheres artistas de forma pioneira, antes da *École des Beaux-Arts* permitir o ingresso delas em seus cursos de pintura e escultura. Entre os anos de 1882 e 1922, foram contabilizadas quatorze brasileiras na instituição privada, que já contava com um ateliê exclusivo para elas a partir de 1880 (SIMIONI, 2008). Nicota Bayeux expôs seus dois trabalhos mais conhecidos nos anos de 1913 e 1914, respectivamente *Dominó Rose* e *Coeur Meurtri*. Enquan-

to o primeiro quadro faz parte do acervo do Centro de Ciências, Literatura e Artes de Campinas, a tela *Cour Meurtri* integra o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Os dois trabalhos foram bem recebidos pela crítica em sua época de exibição e permanecem como os maiores representantes de sua produção.

Ao saber que a última exposição retrospectiva de Nicota Bayeux, de 1923, contou com 89 trabalhos de sua autoria, é difícil não indagar onde estão todos esses trabalhos atualmente. Se perderam no tempo? Será que integram coleções particulares, das quais os proprietários não desejam divulgação? Ou poderiam estar com possíveis herdeiros e familiares descendentes da artista? Esses são questionamentos que cabem a todas as dez artistas apresentadas neste ensaio. Todas elas tiveram extensa produção e, de alguma forma, grande parte desses acervos não foi localizado (com exceção de Maria Pardos, como já comentado anteriormente). A grande dificuldade para pesquisadores que estudam as mulheres artistas nascidas no século XIX e nas primeiras décadas do XX consiste em localizar esses trabalhos – alguns são conhecidos por fotos de jornais e revistas de época, mas o cotejamento de uma pintura ou escultura por vezes se torna inviável meramente através da reprodução da imagem, ainda mais quando esta não se encontra em boa qualidade. Por vezes, o sigilo de muitos colecionadores também se torna um empecilho para a pesquisa dessas obras, já que mesmo nos casos em que os proprietários são pessoas disponíveis e interessadas na pesquisa de obras de suas coleções, em determinados momentos, o acesso e o contato com esses colecionadores não é viável.

O recorte proposto para esse ensaio partiu das pesquisas realizadas no grupo DE/SOBRE/FEITAS POR ARTISTAS, que realizou ao menos dez encontros de pesquisa entre 2017 e 2018, além de atividades paralelas, como o encontro para a divulgação da cartilha *Caminhos para qualquer pesquisa ser feminista*. Ao longo desses encontros, percebemos a necessidade latente de estudarmos e conhecermos mulheres brasileiras atuantes nas artes de nosso país, assim como a carência que ainda temos em tomarmos contato com as trajetórias dessas mulheres. Mesmo estando inserida em tal contexto, como pesquisadora de uma pintora, o choque com a realidade foi inevitável: a cada encontro, minhas colegas traziam nomes de mulheres incríveis que trilharam trajetórias de impacto no campo artístico brasileiro em diversos momentos de nossa história. Percebemos a carência de artigos e ensaios sobre essas mulheres e dessa necessidade reunimos aqui as pesquisas feitas por cada uma de nós.

A partir dessas breves considerações, buscamos apresentar as trajetórias de dez artistas atuantes no final do século XIX e primeira metade do século XX: Abigail de Andrade, Berthe Worms, Celita Vaccani, Dinorah Azevedo de Simas Enéas, Judith Fortes, Maria Pardos, Nicota Bayeux, Regina Veiga, Sylvia Meyer e Zélia Salgado. Cada uma à sua maneira traçou uma trajetória vitoriosa – essas dez mulheres levaram com dignidade seus trabalhos e permanecem sendo lembradas e reconhecidas por isso. Desejamos, dessa forma, instigar pesquisadores a darem continuidade ao estudo das vidas e obras das pintoras e escultoras aqui apresentadas, assim como promover o interesse para a pesquisa de tantas outras artistas que não estão contempladas aqui. Por fim, apresentamos as principais fontes de pesquisa encontradas que tratam dessas mulheres, para facilitar o acesso aos seus dados biográficos, assim como às pesquisas já iniciadas sobre suas produções artísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DINORAH Azevedo de Simas Enéas. Pasta Arquivológica. Rio de Janeiro: Biblioteca/Mediateca "Araújo Porto Alegre". (Museu Nacional de Belas Artes).
- FASOLATO, Valéria Mendes. *As representações de infância na pintura de Maria Pardos*. 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, MG, 2014.
- FERREIRA, César Casimiro. *A preservação do acervo de escultura de Celita Vaccani na Escola de Belas-Artes: inventário e medidas de conservação*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Conservação e Restauração) Escola de Belas Artes, Rio de Janeiro, 2018.
- HERKENHOFF, Paulo (Org.). *Invenções da Mulher Moderna: para além de Anita e Tarsila*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2018. 296 p. (Catálogo de Exposição).
- MULHERES artistas: as pioneiras, 1880-1930. Curadoria e textos: Ana Paula Cavalcanti Simioni e Elaine Dias. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2015 (Catálogo de exposição).
- MULHERES pintoras: a casa e o mundo. Curadoria e texto: Ruth Sprung Tarasantchi. São Paulo: Pinacoteca/Sociarte, 2004 (Catálogo de Exposição).
- OLIVEIRA, Cláudia de. *Cultura, história e gênero: a pintora Abigail de Andrade e a geração artística carioca de 1880*. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n.3, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/co_abigail.htm>.
- OLIVEIRA, Miriam Andréa de. *A mulher e as artes: as pintoras da Primeira República no Rio de Janeiro*. 1998. Tese de Doutorado (História Social) IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- OLIVEIRA, Miriam Andréa de. *Abigail de Andrade: Artista Plástica do Rio de Janeiro, no século XIX*. 1993. Dissertação de Mestrado (Artes Visuais). Rio de Janeiro, 1993.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: pintoras e escultoras brasileiras entre 1884 e 1922*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- TARASANTCHI, Ruth Sprung. *Pintores Paisagistas: São Paulo 1890 a 1920*. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.
- VARGAS, Rosane. *Judith Fortes: Cigana*. In: Paulo Gomes (Org.). Pinacoteca Barão de Santo Angelo: Catálogo Geral (1910-2014). Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2015, v. II, p. 380-381.
- ZÉLIA Salgado. In: Site da artista. Disponível em: <<http://zeliasalgado.art.br>>.